

Guia SOBRE

# Crianças Sobredotadas



**Sinais a considerar**  
**Atitudes a ter**

Estima-se que 3 a 5% das crianças e adolescentes que frequentam as escolas são sobredotados. A maioria está por identificar. Muitos destes jovens passam despercebidos na escola por falta de estruturas de identificação e acompanhamento. Muitos são apenas percebidos como hiperactivos, desinteressados ou como alunos incómodos, em conflito com o próprio ensino que não corresponde às suas expectativas. A maioria dos professores confessa nunca ter detectado um aluno sobredotado ao longo da sua vida profissional.

#### **\* Características Desenvolvimentais das Crianças e Adolescentes Sobredotados**

A sobredotação não é um estado homogéneo. Não se pode falar de um perfil único de sobredotação. Como as outras crianças, apresentam diferenças individuais entre si e só através do estudo adequado de cada criança, após um exame das suas diferenças peculiares, é que se poderá proporcionar uma educação adequada. Elas apresentam geralmente um conjunto de características muito próprias.

No passado, o indicador mais fiel para determinar as qualidades excepcionais era sem dúvida o Q.I. e o sobredotado seria aquele que exclusivamente obtinha resultados acima da média nos testes de inteligência. Hoje sabemos que o Q.I. não é um factor suficiente para determinar se um sujeito se inclui ou não dentro da excepcionalidade. Devido à sua fragilidade para determinar o potencial desempenho dos indivíduos em áreas consideradas relevantes como a criatividade, a persistência e a concentração na tarefa, os modelos estatísticos utilizados para a identificação da sobredotação, a partir dos testes psicométricos passaram a sofrer uma crescente contestação. Permitem, por um lado, que o nível sócio-cultural interfira demasiado nos resultados, são extremamente permeáveis a aspectos culturais, linguísticos; por outro, premeiam um conjunto de respostas certas dadas pelo indivíduo num curto espaço de tempo, não valorizando respostas que por resultarem de pensamento ou associação de ideias divergentes se tornam originais e criativas. Medem uma estreita faixa do comportamento intelectual, mas não têm alcance para determinar os processos de pensamento e aprendizagem, nem para prever a criatividade, factor essencial para identificar o indivíduo sobredotado (Cropley, 1995; Urban, 1995).

Hoje a sobredotação assenta sobretudo nas características do desempenho que os sujeitos manifestam na interacção que estabelecem com os outros, com os objectos e com os conceitos. Há todo um conjunto de factores que interagem e que resultam na manifestação de um desempenho saliente, de onde emerge a sobredotação.

Renzulli destaca-se nesta abordagem mais abrangente, mais compreensiva e mais consensual na actualidade. Para este autor, as crianças e jovens sobredotados distinguem-se por um conjunto básico de características:

A **capacidade acima da média** – os sujeitos não têm que ser génios; distingue-os a facilidade com que obtêm êxito em determinadas matérias ou a facilidade que revelam na aquisição de determinados conhecimentos ou competências em áreas específicas.

A **persistência na resolução de uma tarefa** – esta é a característica apontada como a mais incontroversa no conjunto das tentativas da definição da sobredotação. O indivíduo apresenta uma grande capacidade de trabalho, direccionando uma invulgar quantidade de energia para a resolução de problemas ou de uma actividade específica. Esta característica não se pode dissociar da **motivação** e dos **interesses** desenvolvidos pela criança ou jovem em relação à tarefa ou actividade específica.

Níveis superiores de **criatividade** são a terceira característica assinalada por Renzulli. Revela-se pela natureza e frequência das perguntas, jogos e associação de conceitos. É com frequência que as crianças e jovens com esta característica surpreendem os adultos com a qualidade das suas produções, quando o ambiente educativo permite o pensamento divergente e inovador.

Todas as sociedades, nos diferentes contextos históricos, têm ou já tiveram indivíduos excepcionalmente superiores, a quem se atribuiu a realização de pequenos e grandes feitos inovadores, resultantes de alto grau de envolvimento e grande motivação direccionada para ideias, factos ou produtos. Tais indivíduos diferem dos demais, não apenas por possuírem uma capacidade intelectual superior, mas por conjugarem a esta, dois factores igualmente importantes: uma criatividade mais desenvolvida e uma constante auto-motivação para executar projectos desafiadores.

O período histórico específico, a situação sócio-cultural e a família são variáveis ambientais que podem influenciar tanto em sentido positivo como em sentido negativo o desenvolvimento do indivíduo.

A atenção à diversidade e o respeito pelas diferenças individuais do indivíduo são uma condição “sine-qua-non” em qualquer sistema educativo de hoje. No entanto, verifica-se que muito pouco se tem feito no sentido de atender às necessidades educativas destes alunos. Erroneamente, persiste a ideia de que as suas características pessoais lhes permitem atingir o desenvolvimento pessoal adequado por si próprios. O princípio da igualdade de oportunidades da Declaração de Salamanca, sobre a “escola inclusiva” de 1994, de que o governo português é signatário, vem suprir este mito ao referir explicitamente as crianças sobredotadas como grupo a requerer maior individualização educativa por parte das instituições e profissionais envolvidos (UNESCO, 1994). Penoso é, porém, este princípio continuar “arrumado na estante”, vítima das tendências sociais elitistas que consideram desnecessária a atenção aos sobredotados.

O investimento sobre o estudo do desenvolvimento destas crianças tem sido escasso o que preconiza incertezas e falsas ideias em relação a elas. É necessário um maior esforço no sentido de se encontrar um quadro compreensivo, organizado e consistente de conhecimentos capazes de descrever o desenvolvimento sócio-afectivo das crianças e uma teoria explicativa da progressão de capacidades e realizações ao longo da vida (Robinson & Noble, 1991).

Pretende-se argumentar que a população de sobredotados está em maior risco de vivenciar problemas no seu ajustamento emocional. A sobredotação aumentaria a vulnerabilidade a problemas sócio-emocionais, particularmente na adolescência e idade adulta, acreditando-se que os sobredotados são mais sensíveis aos conflitos interpessoais e experienciam níveis de stress superiores como resultado das suas habilidades. De acordo com esta perspectiva, os indivíduos com altas habilidades cognitivas apresentam, por vezes, problemas sócio-emocionais significativos, necessitando de intervenções diferenciadas, por parte da escola e da família, para prevenir ou atenuar as suas dificuldades (Delisle, 1986; Silverman, 1991).

**Quadro II – Características e potenciais problemas associados à sobredotação**

<b>Características</b>	<b>Problemas possíveis</b>
------------------------	----------------------------

Aquisição e retenção rápida da informação	Impaciência face à lentidão dos outros, alheamento
Atitude investigativa, curiosidade, motivação intrínseca	Perguntas desconcertantes, obstinação em alguns temas
Facilidade em abstrair e conceptualizar	Colocação em causa dos métodos de ensino, autonomia em demasia
Estabelecimento de relações de casualidade	Dificuldade em aceitar o ilógico
Organização do grupo, definição das tarefas do grupo, sistematização	Construção de regras e sistemas complicados, dominância face aos outros
Vocabulário amplo, muita informação sobre temas complexos	Aborrecimento com a escola, intelectualismo face aos problemas concretos
Pensamento crítico	Intolerância face aos outros, perfeccionismo
Criatividade, imaginação, invenção de formas diversas	Recusa de rotinas ou de repetição do que já sabem
Concentração intensa, permanência prolongada em áreas do seu interesse	Desagrado com interrupções, abstracção dos pares quando concentrados
Sensibilidade, empatia	Inibição face à crítica, necessidade de reconhecimento
Elevada energia, períodos de esforço intenso	Frustração face à inactividade, desorganização do trabalho dos pares, busca de estimulação
Independência, preferência pelo trabalho individual	Pouco conformismo, recusa pelos pares e professores
Interesses e habilidades diversas, versatilidade	Aparente desorganização, frustração por falta de tempo, elevadas expectativas e pressão dos outros
Forte sentido de humor (humor)	Falta de compreensão dos colegas, ironia a

crítico/apurado)	despropósito
------------------	--------------

*Adaptado de Webb, (1993)*

Certamente que grande parte dos problemas encontrados no percurso escolar desenvolvimental destes indivíduos não se atribui à sobredotação, mas sim ao facto da escola, o meio, a família e a sociedade em geral não serem capazes de entender e atender às suas características especiais. A precocidade é uma das características destas crianças que os contextos educativos pouco ou nada valorizam. A criança não é estimulada porque se pensa que não está preparada para experiências e desafios mais complexos (Harrison, 1995). Concomitantemente, as expectativas dos pares podem levar a uma desmotivação da criança que prefere não se distinguir em termos de desempenho para não perder o grupo em que está inserida.

Em relação às diferentes áreas do desenvolvimento, a criança ou jovem sobredotado pode apresentar níveis diferenciados, isto é, áreas com desenvolvimento superior a par de áreas fracas (Terrassier, 1985). É habitual o sobredotado na idade pré-escolar revelar competências motoras, principalmente ao nível da motricidade fina, menos desenvolvidas que as suas habilidades cognitivas (Webb & Kleine, 1993). A criança quer construir algo que as suas competências motoras não permitem e quanto mais tenta maior pode ser a frustração. No início da escolaridade, este desfasamento pode ser desolador quando a criança quer escrever mas o seu ritmo motor não acompanha o seu raciocínio, resultando muitas vezes numa rejeição pela escrita. Esta exige muito treino e a criança desmotiva-se pela monotonia das tarefas. O mesmo pode acontecer quanto ao nível de maturidade emocional e intelectual que podem apresentar entre si clara dissincronia (Roedell, 1980).

É também nos primeiros anos de escolaridade que as crianças sobredotadas tendem a ser líderes, procurando consistência que implica a aplicação de regras que pretendem ver seguidas pelos seus pares, para quem as instruções podem ser demasiado complexas (Webb, 1993). Em qualquer contexto, inseridos num grupo com características diferentes das suas, com quem não conseguem conversar e não se identificam, estão “condenados ao isolamento”. Segundo Helena Marujo (2000), seja por revolta perante o isolamento desejado, forçado ou inevitável, as crianças e jovens sobredotados tendem a revelar problemas de relacionamento interpessoal.

Geralmente identificam-se melhor com os adultos ou colegas mais velhos. No entanto a pertença a um verdadeiro grupo de pares pode favorecer o equilíbrio que se pretende num desenvolvimento saudável.

O perfeccionismo e auto-crítica são também características destes alunos. A forte sensibilidade emocional e a consciência das próprias habilidades podem levar estes alunos a criar elevadas expectativas para si próprios. Muitas vezes envolvem-se demasiado nas actividades implicando um dispêndio exagerado de esforço e de tempo, outras, devido ao medo de falharem, caem na inércia, preferindo não correr riscos. A auto-crítica exagerada é muitas vezes a base de um tipo de reacção encontrada nestes jovens, resultante da “fúria” face às expectativas elevadas que criaram para si. Esta hiper-exigência, aliada às dificuldades relacionais com os pares, leva, muitas vezes, a que estas crianças e jovens vejam e sintam o mundo de uma forma negativa, aquém das suas expectativas, recusando-se, por vezes, viver nele (Marujo, 2000).

A multipotencialidade verifica-se quando estes alunos revelam interesses, capacidades e oportunidades em vários domínios. A adolescência, por si, já é uma fase onde a “revolução” hormonal e de identidade é obrigatória, e é também a etapa do desenvolvimento em que estes indivíduos têm mais consciência das suas altas habilidades que se podem manifestar em diversas áreas. Alguns problemas podem surgir nestes casos, quer para a família, quer para os próprios jovens, quando têm de tomar decisões relativamente à escolha de matérias escolares ou optarem por determinado curso (Kerr, 1991).

O seu desenvolvimento é ajustado ou não, dependendo de muitos factores que interagem entre si: características de personalidade, suporte social e educativo, no seio da família e da escola, entre outros.

Se é verdade que nos EUA a sobredotação e o atendimento aos alunos sobredotados são centenários, nos países menos desenvolvidos, começa a emergir um interesse crescente pelo tema que se traduz num aumento considerável de estudos, publicações, conferências e instituições de apoio. A investigação permanece escassa e inconsistente, mais concretamente os estudos envolvendo o conceito, a identificação e as necessidades dos alunos sobredotados.

Em Portugal só agora as crianças e jovens sobredotados foram reconhecidos na Lei como portadoras de necessidades educativas específicas (Desp.º n.º 50/2005 de 9 de Novembro) que prevê que as escolas deverão efectuar para tais alunos um Plano de Desenvolvimento. Helena Serra, presidente da Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas (APCS), advertiu (no Encontro promovido pela APCS: “Sobredotação e Contextos Educativos”, na Póvoa do Varzim), que a problemática dos sobredotados é complexa e se as crianças ou jovens sobredotados não tiverem um acompanhamento adequado, mesmo que tenha aprendido a ler e a escrever sozinho, poderá vir a ter problemas de insucesso escolar e de inadaptação social, podendo vir a desenvolver comportamentos de isolamento e baixa auto-estima, que podem degenerar em marginalidade. E referiu **estes alunos precisam de programas educacionais diferenciados e individualizados, sendo urgente a implementação de medidas, que passam pela aceleração do nível escolar e sobretudo, por programas de enriquecimento. O que implica formação dos profissionais de educação.**

Certamente que grande parte dos problemas encontrados no percurso escolar desenvolvimental destes indivíduos não se atribui à sobredotação, mas sim ao facto da escola, o meio, a família e a sociedade em geral não serem capazes de entender e atender às suas características especiais numa perspectiva inclusiva. Importa identificar estas crianças para implementar medidas de diferenciação. O programa “Sábados Diferentes”, no Porto; o programa “Super Sábados”, na Póvoa do Varzim”; o “Programa de Enriquecimento do Pólo da Guarda”, são “espaços de actividade extra-curricular” que procuram promover o desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens.

Pela Direcção da APCS,

Helena Serra (Prof.<sup>a</sup> Doutora)



<p style="text-align: center;"><b>PAIS</b> <b>Devem</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>PAIS</b> <b>Não Devem</b></p>
<p>Responder e fazer perguntas com paciência e bom humor</p>	<p>Tratar uma criança sobredotada como um adulto só porque possui capacidades extraordinárias</p>
<p>Procurar informação para responder a perguntas que desconheçam</p>	<p>Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo (embora, por vezes, se torne cansativo)</p>
<p>Conversar com o filho, discutir acontecimentos e situações pelas quais ele se interesse</p>	<p>Enganá-la pois o seu juízo moral perceberá facilmente que lhe estão a mentir e é muito difícil recuperar a sua confiança</p>
<p>Elogiar e encorajar os seus pontos fortes</p>	<p>Deixar a criança desrespeitar regras, não acolher rotinas</p>
<p>Ajudar a aceitar e a reconhecer as suas limitações</p>	<p>Exigir dela mais do que pode dar</p>
<p>Proporcionar um melhor desenvolvimento das suas capacidades (maximizando as áreas fortes e estimulando as mais fracas)</p>	<p>Exibir a criança e os seus dotes</p>
<p>Dar-lhe espaço para o seu trabalho e passatempos</p>	<p>Manter-se demasiado ocupados, de forma a estar pouco disponíveis para o filho</p>
<p>Alertar a escola para a situação; colaborar com ela, fornecendo “dicas” para o Plano de Desenvolvimento</p>	<p>Preencher demasiado o tempo da criança com actividades, de modo a que a criança fique sobreocupada</p>
<p>Reunir informação sobre respostas existentes (legislação, programas de enriquecimento, etc.)</p>	<p>Ficar demasiado ansiosos face às exigências próprias desta realidade</p>
<p>Esclarecer-se sobre o tema fazendo formação</p>	<p>Criar expectativas exageradas, nem subvalorizar a situação</p>

<p style="text-align: center;"><b>PROFESSORES</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Devem</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>PROFESSORES</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Não Devem</b></p>
<p>Estar atentos e observar a criança nos diferentes domínios e momentos da sua vida diária</p>	<p>Propor tarefas rotineiras e/ou não desafiantes</p>
<p>Confrontar as suas observações com informações fornecidas pelos pais</p>	<p>Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo</p>
<p>Recorrer a técnicos especializados na área em que a criança mostra mais aptidões para desenvolver melhor as suas capacidades (maiores e menores)</p>	<p>Sentir-se "ameaçados" pelo seu nível de conhecimentos e tipo de questionamentos</p>
<p>Fazer formação para adequar as metodologias às necessidades do aluno</p>	<p>Tirar conclusões unicamente a partir de um determinado tipo de dados</p>
<p>Promover constantemente a sua integração social</p>	<p>Utilizar metodologias pouco diversificadas</p>
<p>Manter o contacto frequente com os pais do aluno</p>	<p>Criar expectativas exageradas, nem subvalorizar a situação</p>
<p>Praticar a diferenciação positiva</p>	<p>Exibir a criança e os seus dotes</p>
<p>Promover um clima de confiança entre professor e aluno</p>	<p>Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo mais rapidamente (embora, por vezes, se torne cansativo)</p>
<p>Suscitar a curiosidade do aluno e estimular a criatividade e fantasia</p>	<p>Impedir que, nas aulas, o aluno coloque questões pertinentes e exponha o seu ponto de vista</p>